

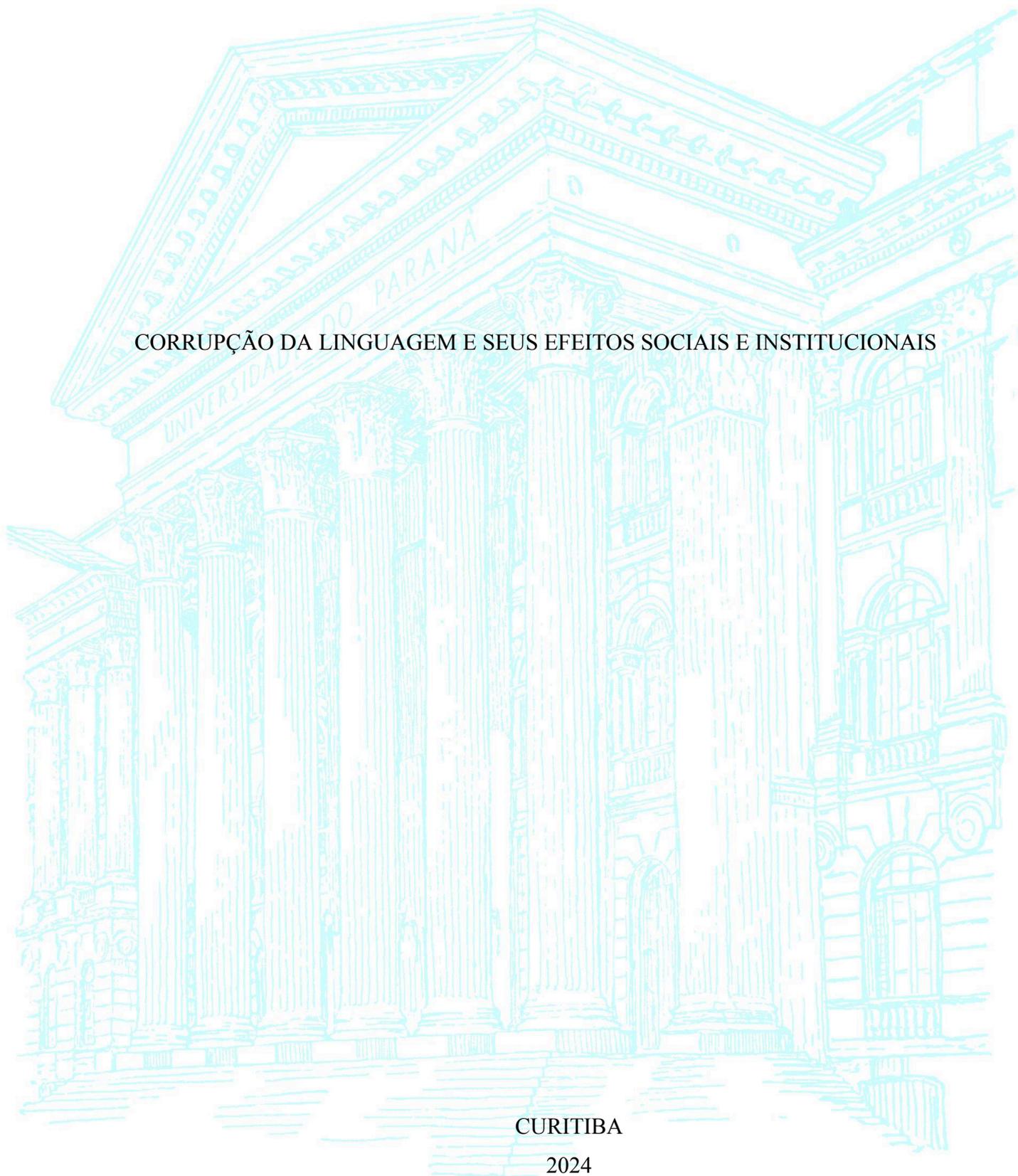
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JACKELINE BÁRBARA DOS SANTOS KREUSCHER

CORRUPÇÃO DA LINGUAGEM E SEUS EFEITOS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS

CURITIBA

2024



JACKELINE BÁRBARA DOS SANTOS KREUSCHER

CORRUPÇÃO DA LINGUAGEM E SEUS EFEITOS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Direito, Setor de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Direito.

Orientador: Prof. Dr. Clayton de Albuquerque Maranhão.

CURITIBA

2024

## TERMO DE APROVAÇÃO

Corrupção da linguagem e seus efeitos sociais e institucionais

[JACKELINE BARBARA DOS SANTOS KREUSCHER](#)

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção de Graduação no Curso de Direito, da Faculdade de Direito, Setor de Ciências jurídicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



---

Clayton Maranhão  
Orientador

---

Coorientador

Documento assinado digitalmente



**ELTON VENTURI**  
Data: 14/12/2024 10:43:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Elton Venturi  
1º Membro

Documento assinado digitalmente



**WILLIAM SOARES PUGLIESE**  
Data: 12/12/2024 13:38:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

William Soares Pugliese  
2º Membro

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que me inspirou para escrever este artigo e em todo momento me sustentou. Em segundo lugar, dedico à minha mãe, Thelma Lanzini, que me deu todo o suporte necessário para chegar aonde eu cheguei, e ao meu noivo, Guilherme Luiz Krul, que se mostrou verdadeiramente leal, amparando-me e encorajando-me diariamente, e aperfeiçoou o meu propósito neste mundo. Dedico também a meus familiares queridos Helena Lanzini, André Leonardo Borges, Palmira Borcath e Emanuely Borcath, que me incentivaram e acreditaram em mim. Ademais, dedico aos amigos e parentes que também foram usados por Deus e contribuíram em muito na minha jornada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que me inspirou para escrever este artigo e em todo momento me sustentou. Em segundo lugar, agradeço à minha mãe, Thelma Lanzini, que me deu todo o suporte necessário para chegar aonde eu cheguei, e ao meu noivo, Guilherme Luiz Krul, que se mostrou verdadeiramente leal, amparando-me e encorajando-me diariamente, e aperfeiçoou o meu propósito neste mundo. Agradeço também a meus familiares queridos Helena Lanzini, André Leonardo Borges, Palmira Borcath e Emanuely Borcath, que me incentivaram e acreditaram em mim. Ademais, agradeço aos amigos e parentes que também foram usados por Deus e contribuíram em muito na minha jornada.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito”

(São João, 1:1-3)

## RESUMO

O objetivo deste artigo é abordar os dois possíveis usos da linguagem e suas consequências. Seu primeiro uso é em busca da verdade e em consonância com a realidade, o que tem como consequência a liberdade dos indivíduos e promoção da justiça. Seu segundo uso é em vista da manipulação da realidade, que nega a verdade, tendo como consequência a injustiça e escravidão das pessoas. A civilização moderna, que se baseia em grande medida no pensamento dos sofistas e é fortemente influenciada pelo nominalismo, adota o segundo uso da linguagem, afastando-se cada vez mais da verdade, liberdade e justiça.

**Palavras-chave:** linguagem; verdade; liberdade; sofistas; nominalismo; totalitarismo.

## ABSTRACT

The objective of this article is to address the two possible uses of language and their consequences. The first use seeks truth and aligns with reality, resulting in individual freedom and the promotion of justice. The second use aims at manipulating reality, denying truth, and leading to injustice and the enslavement of people. Modern civilization, largely based on the thought of the sophists and heavily influenced by nominalism, adopts the second use of language, increasingly distancing itself from truth, freedom, and justice.

**Keywords:** language; truth; freedom; sophists; nominalism; totalitarianism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. A RETÓRICA SOFISTA NA BUSCA POR PODER.....</b>	<b>11</b>
<b>3. O NOMINALISMO E A DESTRUIÇÃO DAS ESSÊNCIAS.....</b>	<b>15</b>
<b>4. 1984: CONSEQUÊNCIAS FINAIS DO SOFISMO E NOMINALISMO.....</b>	<b>25</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO.

O presente artigo tem por finalidade explicar como a corrupção da linguagem ao longo da história afeta a vida do ser humano, a sociedade e o funcionamento das instituições, permitindo a ascensão de regimes políticos totalitários. Será abordada a relação entre o pensamento sofisticado, o pensamento nominalista e o regime totalitário da ficção de “1984”.

A linguagem, que deveria servir à verdade e à justiça, é corrompida quando usada para o propósito de manipular a realidade e perpetuar vícios e o poder de uma oligarquia. Pode ser usada para retratar a realidade de maneira mais fidedigna possível, promovendo a ordem e a justiça, ou para fomentar o caos e a injustiça. A palavra “linguagem” vem do grego e tem a ver com *logos*, que significava “raciocínio”, “pensamento” e “palavra”. Os antigos entendiam a estreita relação entre tais coisas e por isso tratavam a linguagem com cautela e seriedade. O dom de articular pensamentos por meio da palavra é tipicamente humano. A articulação das palavras estrutura pensamentos, que, por sua vez, orientam as ações humanas. Se tal articulação for pobre, os pensamentos serão pobres, incompletos acerca da realidade, e as ações humanas serão ineficazes. Se for torta, os pensamentos serão tortos, incoerentes com a realidade, e as ações serão nocivas.

O homem é um animal racional, como diria Aristóteles<sup>1</sup>, e quando se reduz a língua, o instrumento de sua razão, se reduz a sua humanidade. Menos capaz de compreender e agir no mundo, o homem se torna vulnerável àqueles que controlam a língua e, conseqüentemente, a regimes totalitários. O maior mecanismo de dominação é a linguagem, porque é por meio dela que mentes são controladas. Muitos governos, especialmente na modernidade, perceberam isso. Todavia, a ideia de controlar o próximo por meio dessa ferramenta já era clara aos sofistas, que discursavam para manipular as pessoas e obter influência política. A palavra “sofista” dá origem à palavra “sofisticado”, que tem a ver com a deturpação da realidade por meio de palavras bonitas e complexas.

Além disso, o artigo também busca mostrar a importância de um *common ground* para o diálogo e ordem na sociedade. É necessário que as palavras tenham significados estáveis e bem definidos para que possa haver comunicação. A essência da linguagem é tribal, não individual. E, quando não se tem conceitos bem definidos, quem define é aquele que tem

---

<sup>1</sup> Ver sobre o “*zoon politikon*” em ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução: Nestor Silveira Chaves. 1ª ed. São Paulo: Lafonte, 2017. p.15-21.

o discurso mais sofisticado. A consequência do relativismo linguístico é o controle absoluto daquilo que é objetivo por um grupo seletivo.

## 2. A RETÓRICA SOFISTA NA BUSCA POR PODER.

Górgias, personagem do diálogo platônico “Górgias”, é um sofista, profissional da arte de retórica e ensina a sua arte – *techné* – a outras pessoas, ganhando com isso muito dinheiro e *status* social. No entanto, pouco se preocupa com o conteúdo do que é ensinado, mas apenas com a forma – a eloquência – e a finalidade, que nesse caso não é o bem dos indivíduos, mas dinheiro e reconhecimento.

Para o sofista, a retórica é a arte do convencimento, e a persuasão é a sua finalidade, como é bem observado em “Górgias”: “*O fato de por meio da palavra poderem convencer os juizes no tribunal, os senadores no conselho e os cidadãos nas assembleias ou em toda e qualquer reunião política.*”<sup>2</sup>.

Sócrates, ao contrário, acredita que a retórica não é uma arte de verdade, mas uma espécie de rotina para produzir prazer e satisfação, não tornando as pessoas melhores. De acordo com a visão do filósofo, é possível descartá-la. Contudo, este artigo defende, assim como Aristóteles, que a retórica é importante para a defesa da verdade, não deixando de considerar os pontos válidos da reflexão de Platão. A persuasão por si só não é algo ruim; o que a torna boa ou ruim é o seu conteúdo e a sua finalidade – é má quando não serve a verdade e visa somente ao prazer e ao poder.

Da mesma forma que Sócrates indaga o sofista, deve-se indagar aqueles que se intitulam “professores” ou “tutores” na sociedade atual: o que está sendo ensinado e com qual finalidade? Há uma linguagem muito sofisticada no meio acadêmico e em outras instituições, que impressiona quem ouve sem o devido conhecimento e cautela. Mas o que realmente está sendo dito? Os discursos estão tornando a sociedade melhor? Estão conduzindo as pessoas para a verdade? Na prática, mais as distanciam da realidade do que as aproximam e perpetuam o poder estabelecido da oligarquia.

O Direito é uma das áreas mais afetadas com esse uso sofisticado da linguagem. Deixou de ser sobre justiça e passou a ser sobre quem tem o melhor discurso, quem é mais capaz de convencer. Na prática, está repleto de discursos vazios de significado, que confundem quem ouve, de forma similar ao que acontece no diálogo platônico: “*A que classe de coisas se referem os discursos de que se vale a retórica?*”, questiona Sócrates. “*Aos*

---

<sup>2</sup> In PLATÃO. **Diálogos de Platão: Górgias e Protágoras**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Organização: B. Nunes e V. S. Pinheiro. Belém: Editora UFPA, 2021. p. 89.

*negócios humanos, Sócrates, os mais importantes*”, responde Górgias. “*Mas isso, Górgias, também é ambíguo e nada preciso.*”<sup>3</sup>.

Platão critica, em especial, a realidade dos tribunais, em que o que importa não é a verdade e a justiça, mas o convencimento por todos os meios possíveis, incluindo testemunhas falsas:

Procuras convencer-me com recursos de oratória, como nos tribunais costumam fazer os advogados. E assim que uma das partes julga ter refutado o adversário, quando é capaz de trazer em apoio de sua tese muitas testemunhas de grande reputação, ao tempo em que a outra parte só consegue uma, e, às vezes, nem isso.<sup>4</sup>

Para convencer, os sofistas também ignoram a lógica e fogem quando confrontados, o que é evidenciado quando Sócrates pergunta a Polo por qual motivo ele está rindo: “*Será essa uma nova modalidade de refutação, rir de alguém que afirma alguma coisa, sem opor-lhe qualquer argumento?*”<sup>5</sup>. O sofista confrontado nesse caso é Polo, discípulo de Górgias, que muda rapidamente de posição quando questionado. Primeiro admite que cometer injustiça é mais feio do que sofrê-la. Mas, logo em seguida, defende que belo é aquilo que é útil e dá prazer – no que se inclui muitas vezes o ato de cometer injustiça. Percebe-se uma falta de reflexão profunda a respeito do tema e do sentido das palavras. Percebe-se também, assim como em “1984”, o desprezo pela metafísica, pelo sentido universal das palavras. Polo reduz a feiura à dor no âmbito material, desprezando o âmbito da alma e das virtudes; pensa na dor física, enquanto Sócrates pensa na dor da alma. Contudo, Polo, devido à sua falta de fundamentos, logo volta à posição original, em que o que é justo é belo enquanto justo.

Cálicles, outro discípulo de Górgias, evidencia sua necessidade por reconhecimento e aceitação. Deseja fazer parte do grupo, não estando preocupado com a verdade e a justiça. Sócrates, em contrapartida, prefere ouvir a sua consciência e renunciar a opinião da maioria ao invés da verdade (é possível observar o desdobramento desse conflito entre aceitação pelo grupo e consciência na narrativa de Orwell, que será analisada posteriormente).

Os sofistas não têm compromisso com a justiça e a verdade na medida em que tratam a linguagem da maneira leviana, distorcendo conceitos. Primeiro, Cálicles define “justiça” como o poder dos mais fortes sobre os mais fracos. Depois, muda seu conceito, definindo-a como “igualdade”. Também distorce o conceito de “bom” – para ele, bom é aquele que tem poder.

---

<sup>3</sup> Idem. p. 85.

<sup>4</sup> Idem. p. 139.

<sup>5</sup> Idem. p. 153

Cálicles, assim como demais sofistas, é pragmático e vê a Filosofia – que consiste na busca das verdades universais e dos princípios – como um obstáculo para os seus fins. Em verdade, sente-se ameaçado por ela, mesmo que não admita, pois ela tem o potencial de expor os erros do sofista.

Essa é a verdade, que tu mesmo reconhecerias se deixasses de lado a filosofia e te dedicasses a ocupações mais importantes. A filosofia (...) acaba por arruinar quem a ela se dedica mais tempo do que fora razoável.<sup>6</sup>

Sócrates, por meio de sua busca filosófica sincera pela verdade, identifica lapsos de linguagem no discurso do sofista e o uso de termos vagos, que nada definem, quando o sofista afirma que bom é o homem de mais valor:

(...) procedia de má-fé, apelando para a lei, quando alguém falava segundo a natureza, ou para a natureza, quando alguém se referia a lei. (...) Não percebes que só estás empregando palavras e nada esclareces? Dizes que eu repito sempre o mesmo ponto e me repreendes por isso; mas a teu respeito é justamente do contrário que me queixo, de nunca dizeres as mesmas coisas sobre o mesmo assunto; ora declaras que os melhores e os mais poderosos são os mais fortes, ora os mais sensatos; agora, porém, vens com outra novidade, pois afirmas que os corajosos são os melhores e mais fortes.<sup>7</sup>

Posteriormente, Cálicles muda mais uma vez de posição: entende que belo e justo é libertar os próprios apetites, qualificando a temperança como algo ruim, especialmente na política:

(...) para os que nasceram filhos de reis, ou que por natureza sejam capazes de conquistar algum império ou o poder e qualquer domínio: haverá nada mais vergonhoso e prejudicial do que a temperança para semelhantes indivíduos? (...) o luxo, a intemperança e a liberdade, quando devidamente amparados, é que constituem ao certo a virtude e a felicidade. Tudo o mais, todos esses enfeites e convenções contrárias à natureza, não passam de palavratório sem valor.<sup>8</sup>

Fica claro que as suas definições dadas pelo sofista às palavras “justiça”, “beleza”, “liberdade”, “virtude” e “felicidade” são às vezes vagas e outras vezes opostas às suas verdadeiras definições. São, portanto, fluídas, característica marcante do nominalismo. Para o discípulo de Górgias, felicidade é ter em abundância e satisfazer os seus prazeres imediatos, o

---

<sup>6</sup> Idem. p. 177.

<sup>7</sup> Idem. p. 187

<sup>8</sup> Idem. p. 195-197

que ignora a visão transcendente do termo. Percebe-se aqui o uso reducionista da linguagem, assunto discutido por Richard Weaver em “As ideias têm consequências”. O sofista não usa a língua com base nos princípios universais, que independem das sensações, mas com base nas meras percepções sensoriais.

Sócrates, por meio de um raciocínio lógico, refuta a definição de Cálicles de “bem”. Segundo Cálicles, “prazer” é a definição de “bem”, e o “bem” é simultâneo à dor, consistindo num alívio dessa. Por exemplo, quem bebe o faz quando está com sede, havendo a dor da sede e o prazer de aliviar essa sede bebendo. No entanto, o mesmo Cálicles acredita que não se pode viver bem e mal ao mesmo tempo. Eis aqui uma contradição lógica no raciocínio do sofista.

A partir do diálogo com Cálicles, Sócrates conclui: *“Do que se colhe que sentir prazer não é viver bem, como não é viver mal sentir dor. Assim, o bem e o agradável diferem entre si.”*<sup>9</sup> O sofista, para tentar fugir da conclusão produzida pelo confronto, tenta diminuir a importância da lógica e da linguagem, como fazem os nominalistas, como será visto adiante. Cálicles deliberadamente confunde o plano material com o plano moral, o plano das virtudes, tentando manipular a percepção da realidade. Com uma percepção errada das coisas, as pessoas agirão de forma diferente perante as circunstâncias da vida e buscarão soluções diferentes para seus problemas, em especial poder e prazeres materiais ao invés da justiça e da retidão.

Como se não bastasse o materialismo de Cálicles, ainda há o subjetivismo e sentimentalismo que fundamentam suas afirmações, reduzindo a realidade a sentimentos e percepções subjetivas. É possível ver isso quando Sócrates tenta concluir a definição de “bondade” do sofista. Diz o filósofo: *“Bons, portanto, são os que sentem alegria, e maus os que estão tristes?”*, no que responde o discípulo de Górgias: *“Perfeitamente.”*<sup>10</sup> Sócrates não nega que o bem e o agradável possam coincidir, mas defende que não são a mesma coisa e que crer que são é algo nocivo para a sociedade. Para o filósofo, o homem deve buscar o primeiro, não o segundo. Tudo deve ser feito em vista do bem; o agradável às vezes ocorre, às vezes não.

As consequências sociais da distorção de um termo como “bem” são graves. Tendo em vista que o bem é a finalidade última da alma humana, quando não se define corretamente esse termo, os indivíduos passam a buscar as coisas erradas e, muitas vezes, viver em função disso. Se ser bom é sentir alegria, o indivíduo que alegremente rouba é bom; ou pior, o

---

<sup>9</sup> Idem. p. 209.

<sup>10</sup> Idem. p. 209.

indivíduo que alegremente tira uma vida é bom. Eis a importância de se definir corretamente os termos. São necessárias cautela e uma intenção reta nessa prática, das quais carece Cálicles, que muda seu discurso a todo momento. Nota-se essa postura, de maneira muito mais acentuada, no governo da Oceânia, na ficção de “1984”.

Se há, portanto, duas maneiras de falar ao povo, uma delas é adulação e oratória da pior espécie; a outra é algo belo, porque se preocupa com deixar boa quanto possível a alma dos cidadãos, esforçando-se para dizer o que é melhor, quer agrade quer não agrade ao auditório.<sup>11</sup>

A pior espécie de oratória é aquela que compromete a verdade e, conseqüentemente, a justiça, para perpetuar vícios. Da mesma forma, a pior espécie de política é aquela que vai contra a sua finalidade última – promover cidadãos livres e virtuosos – e mantém as pessoas reféns de seus vícios e afastadas de uma reflexão séria e profunda sobre a realidade, o propósito da sua vida e da sociedade. Tal é a política fomentada pelos sofistas e colocada – em grande medida – em prática pelo Partido na ficção de Orwell.

### 3. O NOMINALISMO E A DESTRUIÇÃO DAS ESSÊNCIAS.

Neste capítulo, procura-se analisar como a mentalidade sofisticada se desdobrou no “nominalismo”, uma corrente filosófica criada por Guilherme de Ockham que nega a existência dos universais<sup>12</sup> e que acaba impossibilitando o diálogo e a busca franca pela verdade.

O nominalismo pode ser considerado uma extensão do sofismo tendo em vista que também trata a linguagem como um instrumento de persuasão e vê a verdade como relativa. Parte do ceticismo sofisticado, que nega diversas verdades primárias, para defender que os universais (as essências) não têm existência própria, sendo meras convenções linguísticas. Dessa forma, conceitos como “bondade” ou “homem” não encontram correspondentes na vida concreta.

Richard Weaver em sua obra “As ideias têm conseqüências” expõe a lógica, ou melhor, a falta de lógica nominalista. “*A tendência a reduzir tudo ao âmbito da sensação tornou poderosos os ataques contras as formas que possibilitam o discurso.*”<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Idem. p. 227.

<sup>12</sup> In LEITE JUNIOR, Pedro. **O Nominalismo de Guilherme de Ockham: Ontologia e Semântica**. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/76/pdf> Acesso em: 1 nov. p. 32

<sup>13</sup> In WEAVER, Richard M. **As Ideias Têm Conseqüências**. Tradução: Guilherme Ferreira Araújo. 2ª ed. São Paulo: É Realizações, 2016. p. 165.

Basicamente, o que se percebe é a abolição da metafísica na linguagem e o consequente empobrecimento dela. Uma linguagem pobre limita o pensamento humano – como fica evidente na distopia de Orwell –, pois impede a compreensão dos universais, fundamentais para a lógica. Essa depende dos universais tendo em vista que estes são cruciais para a generalização, categorização, predicação, sistematização do pensamento, etc. Sem as essências, é impossível transcender casos específicos e compreender a realidade de forma ampla.

A própria metafísica depende do uso correto da linguagem. *“Toda a comunidade metafísica depende da capacidade dos homens de entenderem uns aos outros.”*<sup>14</sup>. Metafísica é o estudo dos primeiros princípios; é o estudo do *ser enquanto ser* e a aceitação dos axiomas, o que dá sentido a toda realidade. A negação dessa área de conhecimento reduz a língua e a torna inútil para a verdade e a justiça, mas úteis para fins como o poder pelo poder.

Weaver enfatiza o poder da palavra: *“(...) o poder sobre a linguagem confere controle sobre as coisas”*<sup>15</sup>. Em “1984”, o Partido domina a sociedade por controlar a linguagem. Os vocabulários na Novafala impedem a formação de pensamentos que traduzam adequadamente a realidade, o que, por sua vez, limita e condiciona as ações das pessoas. Muitos regimes políticos ao longo da história entenderam que o controle mental é a maneira mais efetiva de se dominar uma sociedade.

*“A palavra é, além disso, o veículo da ordem, e os que a dominam são tidos como detentores de uma compreensão superior”*<sup>16</sup>. Quem não tem o domínio da linguagem não é livre, pois não consegue pensar e agir adequadamente no mundo concreto; não consegue nem compreender o real sentido da palavra “liberdade”. A partir disso, conclui-se que os indivíduos de Oceânia não são livres, mas escravos do sistema, e que provavelmente o próprio Cálicles e os demais discípulos de Górgias não sejam livres, mas escravos de uma falsa compreensão das coisas, de uma vontade superior à deles. Por vezes, quem manipula é também manipulado, o que é claro na burocracia estatal de Oceânia.

Tanto para o bem quanto para o mal, o domínio do homem começa por meio da nomeação do mundo. Foi assim no Éden, quando o homem nomeou os animais.

Descobrir como uma coisa é chamada de acordo com algum sistema é o primeiro passo para o conhecimento, e dizer que a educação consiste em aprender a nomear

---

<sup>14</sup> Idem. p. 165.

<sup>15</sup> Idem. p. 165.

<sup>16</sup> Idem. p. 165.

corretamente, como Adão fez com os animais, significa afirmar uma verdade fundamental. O castigo imposto a Babel confundiu o aprendizado de seus construtores.<sup>17</sup>

O verdadeiro conhecimento depende de nomeações corretas, que permitam o indivíduo compreender a essência de um objeto e a sua relação com as demais essências. O fato é que o homem não chegará a lugar algum – senão ao caos – com uma linguagem relativizada, “livre” dos universais. A palavra é princípio de inteligibilidade e “*um tipo de libertação do inconstante mundo das aparências.*”<sup>18</sup>. Seguindo a lógica de Platão, é a libertação do homem da caverna e sua condução ao mundo verdadeiro e eterno.

Um dos principais problemas em se relativizar a linguagem é a falta de conceitos comuns a todos e a conseqüente impossibilidade de comunicação, necessária para a vida em sociedade. As definições garantem que ao menos as pessoas estejam falando da mesma coisa quando conversam e cheguem a conclusões. Para determinar se algo é bom ou ruim é preciso, antes, determinar o que tal coisa é, qual a sua essência. O objeto da discussão deve ser o mesmo para que ela tenha algum sentido. Uma sociedade virtuosa tende a usar a língua de maneira responsável, respeitando os universais. Já uma sociedade corrompida, com uma visão de mundo materialista e imediatista, a usa de forma negligente e para fins desvirtuados.

Certamente, uma das revelações mais importantes sobre determinada época vem de sua teoria sobre a linguagem, pois esta nos diz se a língua é vista como uma ponte para o numenal ou como corpo de ficções adequadas para enfrentar os fenômenos transitórios.<sup>19</sup>

Numenal é um termo filosófico que diz respeito ao númeno – entidade ou realidade que existe independentemente da percepção humana. Tal conceito tem origem em Kant e se aproxima do mundo das ideias de Platão. Apesar das diferenças, ambos reconhecem a metafísica. Por outro lado, o ceticismo moderno se desenvolve e ganha espaço na modernidade, mas tem sua semente nos sofistas e ganha força com Guilherme de Ockham, que defende o abandono dos referenciais ontológicos e o uso pragmático das palavras, ou seja, o uso conveniente delas.

---

<sup>17</sup> Idem. p. 166

<sup>18</sup> Idem. p. 167.

<sup>19</sup> Idem. p. 167

O problema da linguagem foi discutido com muita intensidade ao longo da Idade Média, e um dos primeiros grandes passos em direção ao ceticismo moderno veio da vitória de Ockham sobre Tomás de Aquino em uma polêmica sobre a linguagem.<sup>20</sup>

Observa-se a tendência progressiva por parte dos semanticistas modernos, como Bacon e Hobbes (em grande medida discípulos de Ockham e dos sofistas), em ver as ideias como ficções psicológicas e de tratar as palavras como signos úteis. Tais autores são os mesmos que defendem um Estado grande e controlador. Podem ser definidos como relativistas pragmáticos; *“não querem que a língua reflita noções da verdade, mas qualidades de percepções.”*<sup>21</sup> Sua linha de pensamento torna as pessoas escravas do mundo sensorial, do imediatismo e, em última instância, do caos. É necessário reconhecer os efeitos psicológicos que a falta de definição correta produz nos indivíduos para abordar os seus efeitos sociais e institucionais, tendo em vista que os problemas sempre partem dos homens antes de se escalonarem para a sociedade.

O psicólogo Jordan Peterson estuda as consequências psicológicas do mal uso da linguagem, estando entre as principais a confusão mental e a ansiedade. Entende que o uso correto da linguagem é necessário para estabelecer ordem, e a ordem é necessária para se enxergar um propósito. Nas palavras do psicólogo:

Quando as coisas desmoronam, e o caos reemerge, podemos reestruturá-las e restabelecer a ordem através da nossa linguagem. Se falarmos com cuidado e precisão, somos capazes de compreender as coisas (...). Entretanto, se falarmos com descuido e imprecisão, as coisas permanecem vagas. O destino permanece indefinido. (...) Se identificar as coisas com atenção e linguagem cuidadosas, você as apresentará como objetos viáveis e disciplinados, distinguindo-as de sua interconectividade oculta quase universal. Você as simplifica. Você as torna específicas e úteis e reduz sua complexidade. Você torna possível conviver com elas e as usa sem sucumbir a tanta complexidade, junto com a incerteza e a ansiedade que as acompanham. Se deixar as coisas indefinidas, nunca saberá o que é uma coisa ou outra. Tudo se misturará com o resto. Isso torna o mundo complexo demais para ser enfrentado.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Idem. p. 167.

<sup>21</sup> Idem. p. 167.

<sup>22</sup> In PETERSON, Jordan B. **12 Regras para a Vida: Um Antídoto para o Caos**. Tradução: Wendy Campos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018. p. 289-292

O psicólogo enfatiza a importância da definição para os relacionamentos: *“Você tem que definir conscientemente o assunto de uma conversa – ou passa a ser tudo, e tudo é demais.”*<sup>23</sup> Se algo não é definido, pode ser qualquer coisa, pode ser tudo, e tudo é muito para se lidar. É preciso “dar nome aos bois”.

O homem moderno é confuso porque não define; e não define porque não exclui (para definir, você precisa selecionar um conceito e excluir os demais). De acordo com Chesterton, não é possível que uma girafa continue sendo girafa se lhe tirarem o pescoço comprido ou que um tigre continue sendo tigre se lhe tirarem as listras. Até uma pintura precisa de um quadro para ser pintada, e o quadro tem limites. Se algo é tudo, não é nada – não há nada que o diferencie das demais coisas. Eis a importância da definição.

Além de não definir, o indivíduo pode nomear de forma errada. Isso pode se dar por ignorância, mas também por escolha, como uma tentativa de manipular a realidade ao seu redor, o que caracteriza a mentira propriamente dita. É assim que os sofistas e o Partido, em “1984”, usam a linguagem.

Podemos usar as palavras para manipular o mundo, para que ele nos dê o que queremos. Esse é o significado de “politicagem”. É distorcer a realidade. (...) É o que os universitários fazem quando escrevem um trabalho para agradar ao professor em vez de articular e esclarecer as próprias ideias. É o que todos fazem quando querem alguma coisa e decidem falsificar a si mesmos para agradar e lisonjear. É a conspiração, a criação de slogans e propaganda.<sup>24</sup>

Para Peterson, o pior tipo de mentira é a cegueira proposital. *“(...) É o pior tipo de mentira. É sutil. Ela se serve de racionalizações fáceis. A cegueira proposital é a recusa em saber algo que poderia ser sabido.”*<sup>25</sup>

Em outras palavras, as mentiras são contadas por negligência ou malícia. No caso de quem tem poder, normalmente se dá pela segunda, pois a pessoa tem acesso a informações que poucos têm e vê como o sistema funciona. Os governos, por exemplo, normalmente são intencionais no uso corrompido da linguagem. Sua malícia começa de maneira branda, como chamar o pagamento a pessoas desempregadas de “seguro social” ao invés de “ajuda”, mas

---

<sup>23</sup> Idem. p. 292.

<sup>24</sup> Idem. p. 219.

<sup>25</sup> Idem. p. 223.

que evolui até o ponto de se tornar escancarada, como se dá na narrativa de Orwell, em que “guerra” é chamada de “paz”.

Segundo o psicólogo, foi a má-fé em negar a realidade que permitiu Josef Stalin a cometer seus crimes em massa, dizimando grande parte da população soviética. A mentira é a base dos regimes totalitários, na medida em que destrói a consciência dos tiranos e seus subjugados. A consciência é justamente aquilo que pode barrar tais regimes, pois aponta para as verdades universais, como a da justiça. “*A inverdade corrompe tanto a alma quanto o Estado, e uma forma de corrupção alimenta a outra.*”<sup>26</sup>. Pode-se dizer, dessa forma, que o totalitarismo é resultado do ressentimento acumulado e sentimento de vingança gerado pela negação da verdade.

É a falsidade que produz o terrível sofrimento da humanidade: os campos de extermínio nazistas, as câmaras de tortura e os genocídios de Stalin e daquele monstro ainda pior, Mao. Foi a falsidade que matou centenas de milhões de pessoas no século XX.<sup>27</sup>

Em suma, as mentiras são fruto do relativismo linguístico, que divide e enfraquece as pessoas e, conseqüentemente, a sociedade. Em certa medida, é normal que as culturas usem a linguagem de maneiras diferentes, pois as percepções de mundo também variam. Contudo, havia uma realidade objetiva que unia as culturas antigas, que enxergavam o mundo ainda de maneira orgânica, natural, não por meio de uma mentalidade fruto de uma engenharia social. Era possível a comunicação. Hoje, a sociedade está completamente dividida e as pessoas não conseguem se comunicar, visto que negam a base objetiva que deveria fundamentar toda a linguagem. O homem medieval europeu e o samurai tinham uma compreensão de mundo muito mais parecida do que dois colegas de trabalho têm hoje. Isso porque hoje cada indivíduo tem a sua definição das coisas, dificultando que haja um *common ground* para o diálogo.

A honestidade para com a razão e os sentidos permitia que os antigos se entendessem minimamente, mesmo que com divergências. Tal honestidade reconhecia os princípios básicos da natureza e da existência humana. Eis alguns entendimentos de sociedades antigas sobre justiça e honestidade:

---

<sup>26</sup> Idem. p. 223.

<sup>27</sup> Idem. p. 231.

Os seguintes exemplos da Lei Natural são coletados daquelas fontes disponíveis a qualquer um que não seja um historiador profissional. (...) Não furtarás. (Judaico antigo. Êxodo 20:15) A justiça é a intenção determinada e permanente de dar a cada pessoa o que lhe é devido (Romano. Justiniano, Instituições, I. i). Se o nativo fizesse algum tipo de descoberta (por exemplo, uma árvore de mel) e a demarcasse, a partir daí ela lhe pertenceria, pelo menos para os próprios membros da tribo, sem importar por quanto tempo ele a tivesse abandonado. (Aborígenes australianos. ERE v. 441) Aquele que não aceita suborno... agrada a Samas. (Babilônio ERE v. 445 ) Não darás falso testemunho contra o teu próximo. (Judaico antigo. Êxodo 20:16) Considerais aquele que conheceis na mesma medida que aquele que não conheceis. (Egípcio antigo. ERE v. 482).<sup>28</sup>

#### Alguns exemplos sobre justiça, boa-fé e veracidade:

Um sacrifício é obliterado por uma mentira e o mérito das almas por uma fraude. (Hindu. Janet, i. 6) Da boca cheia de mentiras não se aproveita nada: tu queimarás todas. (Babilônio. Hino a Samas. ERE v. 445) Não faleis nenhuma falsidade. (Egípcio antigo. Confissões da alma de um justo. ERE v. 478) Em Nástrond (= inferno) eu vi perjuros. (Nórdico antigo. *Volospá* 39) O fundamento da justiça é a boa-fé. (Romano. Cícero, *De Off.* I. vii ERE v. 482).<sup>29</sup>

Há muitos outros exemplos abordados por C.S. Lewis em “A abolição do homem” que provam a existência da realidade objetiva. O ser humano moderno perdeu essa noção, pois negou a sua consciência, a metafísica e foi confinado em experimentos sociais.

Atualmente, as visões de termos simples, como “felicidade”, divergem substancialmente de um colega para o outro. Um fala que felicidade é a satisfação dos prazeres imediatos e outro que é uma vida de virtudes, que é buscar o eterno. O problema disso está no fato de que as medidas adotadas para se buscar tal bem serão diversas e haverá caos social. Por exemplo, os que acreditam que a felicidade se resume à satisfação de prazeres imediatos irão abrir mão de trabalhar diligentemente para se entregar a tais prazeres, o que gerará violência, inflação, famílias destruídas, entre outras coisas. Tais indivíduos não se preocuparão em cometer injustiças para conseguir o que querem, pois para eles felicidade não tem a ver com virtudes.

<sup>28</sup> In LEWIS, Clive S. **Abolição do Homem**. Tradução: Gabriele Greggersen. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 81, 96-99.

<sup>29</sup> Idem. p. 100-101.

Quando se permite que todos criem sua definição individual das coisas, perde-se as definições reais. Muitas vezes, a língua acaba virando uma mera metalinguagem, que fala de si somente, sem apontar para algo concreto. A língua precisa sair da abstração a fim de cumprir o seu propósito. Porém, apontar para o concreto não significa apontar somente para coisas materiais, mas para os universais, para a essência das coisas. Vale ressaltar que, quanto mais subjetiva é a percepção de mundo de alguém, menos realista ela é. Quanto mais desconexa da metafísica é a sua visão de mundo, menos efetiva é a sua aplicabilidade concreta. Em suma, a linguagem deve servir à realidade e não fugir dela ou, pior, tentar subvertê-la. O relativismo linguístico cria um círculo vicioso de abstrações sem fundamento lógico, fazendo com que as pessoas percam a sua sanidade.

Um grau de ceticismo é importante para pôr à prova certas definições. É necessário escrutinar palavras e pensamentos para aferir sua veracidade. Mas duvidar dos primeiros princípios, dos conceitos mais óbvios e fundamentais da natureza não leva a lugar algum, somente ao caos. Para C.S. Lewis, quem quer escrutinar tais princípios, não enxerga nada. Até é útil uma janela translúcida, para que se possa ver o jardim, mas não é útil que o jardim seja translúcido, pois não haverá nada para ver. *“Não há serventia nenhuma em tentar ‘enxergar o que está por trás’ dos primeiros princípios (...) ‘Perscrutar’ todas as coisas é o mesmo que não enxergar nada.”*<sup>30</sup>

Weaver ressalta a importância de se admitir os primeiros princípios:

Se nunca somos capazes de sair do círculo da definição, isso não se daria porque as definições convencionais são, na verdade, lembranças de um conhecimento que de algum modo já possuímos?<sup>31</sup>

Certas coisas são óbvias, já estão dentro do ser humano. Negar isso é negar a essência da realidade e qualquer princípio e possibilidade de conhecimento; é construir o palácio sobre a areia.

(...) a definição fundamental é, tal como Aristóteles afirmou, uma questão de intuição. O conceito primordial está dentro de nós de algum modo; partindo disso, procedemos por meio de analogias ou procurando identificar semelhanças entre as coisas. (...) As palavras, graças a seu uso generalizado, adquirem um significado

---

<sup>30</sup> Idem. p. 77.

<sup>31</sup> In WEAVER, Richard M. **As Ideias Têm Consequências**. Tradução: Guilherme Ferreira Araújo. 2ª ed. São Paulo: É Realizações, 2016. p.174

maior do que aqueles que poderiam ser-lhes atribuídos por um único falante, e maior do que o que pode ser aplicado a uma única situação.<sup>32</sup>

A lógica depende da linguagem. A sanidade depende da lógica. E o bom funcionamento da sociedade depende da sanidade das pessoas. Pode-se dizer, dessa forma, que a semântica moderna destrói o bom funcionamento da sociedade. É uma tentativa de fuga do centro, dos princípios, o que resulta na fragmentação da sociedade. A desintegração da linguagem é a desintegração da sociedade. Esse ataque à linguagem é, em sua raiz, um ataque ao simbolismo, que se iniciou quando se deu por certo que só existe um mundo e que esse mundo é o da percepção sensível. Alguns grupos que atacaram ferozmente o simbolismo foram os empiristas e os positivistas, ambos influenciados pelos sofistas. Pode-se dizer que esses são precursores daqueles na medida em que enfatizam de forma imoderada a experiência subjetiva e conhecimento prático.

O símbolo é uma ponte para o mundo transcendente, visto que engloba os primeiros princípios, e uma forma de entender o que ainda não foi necessariamente traduzido em termos racionais. É essencial para organizar a percepção do homem e ajudá-lo a navegar no mundo de maneira eficaz. É por meio deles que se transmitem verdades ao longo da história. O símbolo da cruz, por exemplo, carrega o significado de sacrificar um bem por algo muito maior, atemporal. Nesse sentido, não se pode descartar a importância da religião para a linguagem. Ela está repleta de símbolos que enriquecem a mente e aprofundam a compreensão humana acerca da realidade. Também não se pode desprezar a literatura clássica, que ressoa valores e experiência humanas universais. A jornada do herói, por exemplo, está presente em ambas e representa o processo de enfrentar o desconhecido, superar adversidades e retornar mais forte.

Em suma, os símbolos são cruciais para conectar o indivíduo ao transcendente, à tradição (às gerações anteriores) e ao coletivo. Compreender e respeitar o valor dos símbolos é indispensável para a integridade psicológica e cultural. Nesse sentido, aqueles que desejam destruir essa integridade – afinal, é muito mais fácil controlar um indivíduo e uma sociedade fragmentados – se opõem aos símbolos. Não à toa o governo de “1984” se opõe tão fortemente à religião, à literatura e outras espécies de arte. A linguagem tem um poder

---

<sup>32</sup> Idem. p. 174-176.

simbólico, essencial para o conhecimento. A humanidade sempre entendeu isso. Entretanto, conforme a história avança, mais distante está desse entendimento.

(...) hoje o relativismo, com suas dúvidas em relação à verdade, já fez verdadeiros estragos, (...). Vivemos em uma época que se acovarda com a mera possibilidade de que haja certezas, e uma de suas consequências realmente perturbadoras é a facilidade com que as palavras se separam das realidades conceituais que qualquer mente saudável sabe que são referentes.<sup>33</sup>

Ao ignorar o papel dos primeiros princípios, dos universais e dos símbolos, o homem se entregou à irracionalidade, e sua integridade intelectual foi comprometida, gerando um caos social e institucional. Esse caos se vê em áreas cruciais que impedem o colapso da civilização, como o Direito e a Política. A restauração dessas e outras áreas será um processo lento e árduo, que deverá obrigatoriamente passar pela restauração da linguagem.

Se examinarmos os significados notavelmente diferentes dados às palavras ‘democracia’ e ‘liberdade’, seremos obrigados a notar quão longe estamos daquela base de compreensão que é pré-requisito para a cura do mundo. Para uns, ‘democracia’ significa desfrutar privilégios, para outros, significa igualdade econômica administrada por uma ditadura. Ou consideremos a quantidade de coisas contraditórias que foram chamadas de fascistas. O que aconteceu com o mundo coerente de sentido? Desapareceu por falta de definidores. Os professores da nova ordem não são suficientemente corajosos para serem definidores, e os legisladores carecem de suficiente lucidez. (...) Na verdade, leis estáveis requerem vocabulário estável, pois o principal de todo processo judicial é a definição ou decisão sobre o nome correto de uma ação. Portanto, os magistrados de um estado têm o dever de saber que os nomes não podem ser alterados de maneira irresponsável.<sup>34</sup>

Quanto mais alto o cargo de alguém na sociedade, maior deve ser sua responsabilidade para com o uso das palavras, pois maior o seu poder de influência e mais graves as consequências de suas escolhas. Não à toa Sócrates dava tanta ênfase aos sofistas. Para que haja ordem e propósito no mundo, é necessário restaurar a mentalidade de que “no princípio era o Verbo”.

---

<sup>33</sup> Idem. p. 180.

<sup>34</sup> Idem. p. 181-186.

#### 4. 1984: CONSEQUÊNCIAS FINAIS DO SOFISMO E NOMINALISMO.

O livro “1984”, de George Orwell, narra uma distopia em que se pode ver os desdobramentos do sofismo e nominalismo. A história mostra uma oligarquia, conhecida como “Grande Irmão”, que usa a linguagem indevidamente para escravizar seus cidadãos. Tal oligarquia é o Estado da “Oceânia”, um dos três superestados totalitários que dominam o mundo. Os objetivos do Grande Irmão são *“primeiro, conquistar toda a superfície da Terra; segundo, extinguir de uma vez por todas a possibilidade de pensamento independente.”*<sup>35</sup>

Esse cenário representa o desdobramento da mentalidade sofista e nominalista na medida em que mostra o extremo da relativização linguística de um governo sem escrúpulos. Assim como os sofistas, os membros do “Partido” – nome pelo qual também é chamado o governo totalitário da Oceânia – acreditam e defendem que a verdade é relativa e que o poder de convencimento sempre servirá a interesses particulares, nunca à realidade objetiva. Dessa forma, a linguagem não passa de uma ferramenta de controle dos mais astutos. *“Quem controla o passado controla o futuro; e quem controla o presente controla o passado”*<sup>36</sup> é uma frase do livro que reflete a aplicação prática da mentalidade relativista.

A Novafala é a linguagem oficial do Estado e sua principal ferramenta para o controle das mentes. É caracterizada pela restrição do vocabulário e dos conceitos, contradição lógica e criação de palavras genéricas, que pouco especificam e mais confundem as pessoas do que as ajudam na compreensão da realidade. Por meio da Novafala, o Partido impõe o “duplipensamento”, muda constantemente a narrativa histórica e nega a realidade objetiva, a fim de perpetuar o seu poder. Tais mecanismos serão explicados adiante.

A Novafala era o idioma oficial da Oceânia e fora concebido para atender as necessidades ideológicas do Socing, ou Socialismo Inglês. (...) Previa-se que a Novafala substituisse completamente a Velhafala (ou o inglês padrão, como o chamamos) por volta de 2050.<sup>37</sup>

A linguagem reflete determinada visão de mundo e essa pode estar mais perto ou mais longe da verdade. No caso do Partido Socialista de “1984”, a visão de mundo adotada se distancia amplamente da realidade concreta. O Partido deseja construir artificialmente sua

<sup>35</sup> In ORWELL, George. 1984. Tradução: Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 229

<sup>36</sup> Idem. p. 291.

<sup>37</sup> Idem. p. 347.

própria realidade e, para torná-la eficaz, cria uma linguagem também sintética, que impede os cidadãos de cogitarem visões de mundo mais orgânicas. Dessa maneira, todo e qualquer pensamento contrário ao sistema de poder é impossibilitado na narrativa. Nessa linguagem, novos vocábulos são criados e vocábulos indesejáveis são eliminados, assim como significados heréticos. Por exemplo, “liberdade” não é mais a liberdade de ir e vir ou do livre pensamento, mas a obrigação de pensar dentro do sistema e fazer o que o Partido manda.

A Novafala é dividida nos vocabulários A, B e C. No primeiro, são incluídas as palavras relacionadas ao dia a dia, como comer, beber e trabalhar, mas, em comparação com o inglês tradicional, possui um número consideravelmente menor de termos, que têm significados muito mais rígidos. O vocabulário B, por sua vez, diz respeito às palavras criadas com propósitos políticos, não sendo nenhuma ideologicamente neutra e contendo muitos eufemismos. Já o vocabulário C, que suplementava os demais vocabulários e era composto apenas por palavras técnicas e científicas, mas cujo uso era limitado por uma lista que definia quais classes de cientistas poderiam utilizá-las.

Ressalta-se que muito mais palavras são eliminadas do que criadas. O objetivo dessa medida é reduzir o leque de ferramentas para a compreensão da realidade. A rigidez dos significados é uma forma de impossibilitar uma visão metafísica do mundo e reduzi-la ao presente e material.

Teria sido praticamente impossível usar o vocabulário A com propósitos literários ou em discussões políticas e filosóficas. Tratava-se de um conjunto de palavras destinadas exclusivamente a exprimir pensamentos simples e utilitários, em geral envolvendo objetos concretos ou ações físicas.<sup>38</sup>

Há aqui uma feroz aversão à religião e literatura, pois essas carregam símbolos, que ampliam o entendimento humano acerca da realidade, e o que o Partido quer é reduzir tal entendimento nas pessoas – assim terão uma força menor para reagir.

Ademais, qualquer palavra (...) podia ser transformada em seu antônimo por meio do acréscimo do prefixo *des-*, ou podia ser reforçada com o prefixo *mais-* ou, para ênfase ainda maior, *duplomais-*. (ORWELL, p. 350).

---

<sup>38</sup> Idem. p. 349

A criação de novas palavras tem por finalidade abranger de maneira genérica vários significados, permitindo que palavras mais específicas sejam excluídas. Cria-se palavras genéricas e se destrói palavras específicas. Com isso, por exemplo, a pessoa deixa de ter a noção de uma realidade “melhor” ou “excelente” e passa a ter apenas uma vaga noção do que seria uma realidade “maisboa”. Na prática, tira-se a ênfase e a profundidade daqueles termos e cria-se conceitos distantes, difíceis de compreender. Como poderia ser compreendido o conceito de “liberdade” na expressão “crimepensar”? Com essa nova expressão, os conceitos clássicos da palavra seriam perdidos: i) a capacidade de a pessoa agir ou decidir de acordo com sua própria determinação e ii) a capacidade de a pessoa escolher o bem, aquilo que a eleva como ser humano.

Às vezes, como já foi observado no caso da palavra ‘livre’, preservam-se, por uma questão de conveniência, vocábulos que a certa altura haviam tido significados hereges. Para que isso acontecesse, porém, era preciso expurgá-los desses significados indesejáveis. Inúmeras palavras, como honra, justiça, moralidade, internacionalismo, democracia, ciência e religião haviam simplesmente deixado de existir passando a ser englobadas por alguns poucos vocábulos que, no ato mesmo de englobá-las, provocavam sua obliteração. Todas as palavras cujos sentidos giravam em torno dos conceitos de liberdade e igualdade, por exemplo, estavam contidas na palavra ‘crimepensar’. Teria sido perigoso lidar com sentidos mais precisos.<sup>39</sup>

Agora, liberdade é algo distante, uma rebelião contra o governo, um crime. Além de limitar conceitos, por meio do vocabulário A, o Partido busca, por meio do vocabulário B, tornar superficial e confuso o sentido das palavras. Usava-se “campofolia” para o campo de trabalhos forçados e “Minipaz” para o Ministério da Guerra. Outra ferramenta que serve de obstrução para a reflexão são as abreviações:

Observou-se que tais abreviações estreitaram e modificavam sutilmente o sentido das palavras originais, eliminando a maior parte das associações (...). Se “Comintern” é uma palavra que a pessoa pode pronunciar de forma quase automática, a expressão ‘Internacional Comunista’ exige um mínimo de reflexão. Da mesma forma, as associações suscitadas por uma palavra como “Miniver” são menos numerosas e mais controláveis que as despertadas por ‘Ministério da Verdade’. Era isso que estava por trás não somente do costume de abreviar as palavras sempre que possível como também do zelo quase excessivo em dar a elas

---

<sup>39</sup> Idem. p. 354

uma pronúncia fácil. (...) A intenção era transformar a fala, sobretudo quando o assunto não fosse ideologicamente neutro, em algo tão independente quanto possível da consciência. (...) em Novafala era praticamente impossível expressar, a não de modo muito incipiente, quaisquer opiniões que divergissem da ortodoxia.<sup>40</sup>

Uma afirmação como “o Grande Irmão é desbom” até poderia ser dita, mas não sustentada, visto não haver palavras para sustentar o raciocínio lógico disso. Tanto que era uma necessidade que *“a quantidade de palavras disponíveis seria cada vez menor, seus significados seriam cada vez mais rígidos”*<sup>41</sup>. E também, *“as ideias hostis ao Socing só podiam assumir uma forma vaga e pré-verbal e não tinham como ser nomeadas senão em termos extremamente genéricos”*<sup>42</sup>.

A Novafala, um dos princípios do Socing, é o nominalismo em prática. Isso porque ambos veem a linguagem como uma ferramenta de manipulação da realidade, que restringe e distorce o pensamento. Tanto para a ideologia do Socing como para corrente nominalista, os significados não passam de convenções humanas, não tendo uma raiz ontológica. Tais correntes eliminam abstrações essenciais para a natureza humana como “liberdade” e “justiça”, rejeitando a existência de universais independentes.

O Ministério da Verdade é a entidade responsável por ditar a vontade da oligarquia, mascarada de “verdade”, e suprimir todas as ideias e fatos que possam destoar dessa “verdade”. É encarregada da falsificação diária do passado, fazendo da linguagem um meio para isso. Eis os três slogans estampados em sua fachada: *“Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força.”*<sup>43</sup> Na obra, Winston, a personagem principal, mostra-se ao longo da narrativa profundamente incomodado com o relativismo e a opressão da verdade. Sente-se constantemente oprimido por lhe ditarem coisas contrárias às que seus olhos veem e sua razão aponta. Almeja um tempo em que a verdade exista e que o pensamento seja livre.

A memória é uma das principais faculdades afetadas pela deturpação da linguagem. Num mundo com uma linguagem deturpada, tudo o que há é o presente. Vê-se o drama na narrativa de Winston não conseguir recordar a história – como o passado era e o desdobramento dos acontecimentos. As palavras são fundamentais para a memória, pois por meio delas se traduz a realidade em pensamentos e se constrói uma narrativa; por meio dessa

---

<sup>40</sup> Idem. p. 356-359

<sup>41</sup> Idem. p. 360.

<sup>42</sup> Idem. p. 359

<sup>43</sup> Idem. p. 38

narrativa, compreende-se o “eu” e o coletivo. Em outras palavras, a linguagem, por meio da memória, é importante para o ser humano compreender o seu propósito de vida. Eis outro motivo pelo qual o Partido dá tanta ênfase na destruição dela: eliminar toda e qualquer lembrança de uma época melhor, em que os indivíduos eram mais livres e mais humanos. “*Na ausência de todo e qualquer registro externo, até mesmo o contorno de sua própria vida perdia a nitidez.*”<sup>44</sup>.

Além da adulteração da história e da fomentação da ignorância, o Partido impõe o duplispensamento – um mecanismo que permite a aceitação simultânea de duas crenças contraditórias, sendo que cada uma convém para propósitos diferentes. O duplispensamento é uma das ferramentas mais eficazes de controle da realidade em “1984”.

Defender ao mesmo tempo duas opiniões que se anulam à outra, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas; recorrer à lógica para questionar a lógica, repudiar a moralidade dizendo-se moralista, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia; (...) induzir conscientemente a inconsciência.<sup>45</sup>

Tal ferramenta é fundamental para os membros do Partido, que frequentemente entram em contato com a realidade, com dados e fatos reais, mas precisam alterá-los para garantir a narrativa do governo. Não bastando isso, o Partido também obriga seus membros a negarem tais dados e fatos ou os aceitarem parcialmente, conforme convém no momento, de modo que não entrem em conflito com a propaganda do Grande Irmão. Dessa forma, pode-se dizer que o mecanismo do duplispensamento é um meio de se “preservar a saúde mental” e evitar perseguição. Aceitar a verdade é doloroso e perigoso e implica sair da zona de conforto.

O Ministério da Verdade tem na narrativa de Orwell uma função bem parecida com a dos grandes jornais nos dias de hoje. Qualquer um que estude os regimes totalitários ao longo da história identifica o papel crucial da mídia na manutenção desses regimes. “*A invenção da imprensa facilitara a tarefa de manipular a opinião pública, e o cinema e o rádio aprofundaram o processo.*”<sup>46</sup>. A função do Ministério, dessa forma, é sustentar o regime por meio da manipulação da realidade. “*Quase todo material com que lidavam ali era desprovido*

---

<sup>44</sup> Idem. p. 44

<sup>45</sup> Idem. p. 48

<sup>46</sup> Idem. p. 242.

*da mais ínfima ligação com o mundo real.*”<sup>47</sup>. A população de Oceânia vivia na miséria e completamente sem dignidade, mas a propaganda do governo era que estava tudo bem e ainda iria melhorar, como, por exemplo, “*todos os trimestres uma quantidade astronômica de botas era produzida no papel, enquanto possivelmente metade da população da Oceânia andava descalça nas ruas.*”<sup>48</sup>.

O Ministério busca criar a décima primeira e definitiva edição da Novafala, que fará as pessoas reaprenderem tudo. Grande parte desse novo aprendizado envolve esquecer muitas das palavras importantes, pois o principal mecanismo da Novafala é reduzir o vocabulário e, portanto, o pensamento.

Que coisa bonita, a destruição de palavras! Claro que a grande concentração de palavras inúteis está nos verbos e adjetivos, mas há centenas de substantivos que também podem ser descartados. Não só os sinônimos; os antônimos também. Afinal, o que justifica a existência de uma palavra que seja simplesmente o oposto de outra? Uma palavra já contém em si mesma o seu oposto.<sup>49</sup>

De acordo com essa lógica, não há por que conservar a palavra “ruim”. Basta substituí-la pelo termo “desbom”. Contudo, percebe-se que esse é muito mais empobrecido, impreciso e genérico que a primeira. Palavras específicas que denotam intensidade também devem ser substituídas. “Excelente”, por exemplo, é trocado por “maisbom” ou “duplimaisbom”. Fica clara a tentativa de emburrecer as pessoas, tornando obscura a interpretação da realidade.

Você não vê que a verdadeira finalidade da Novafala é estreitar o âmbito do pensamento? No fim, teremos tornado o pensamento-crime literalmente impossível, já que não haverá palavras para expressá-lo.<sup>50</sup>

O paradoxo da Novafala é sua capacidade de tornar a língua rígida e, ao mesmo tempo, pouco específica. Torna-a rígida porque impede reflexões aprofundadas e descarta usos amplos e novas conexões. É pouco específica no sentido de que não aponta para quase nada concreto e não define a essência das coisas. Promove, com isso, uma grande confusão e

---

<sup>47</sup> Idem. p. 55.

<sup>48</sup> Idem. p. 55.

<sup>49</sup> Idem. p. 67-68

<sup>50</sup> Idem. p. 68-69

indiferença. Como diria Weaver, é preciso definir: olhar para a realidade objetiva e identificar a essência das coisas. Por exemplo, “girafa” é:

Animal mamífero artiodátilo, ruminante (*Giraffa camelopardalis*), do gênero *Giraffa*, da família dos girafídeos, nativo da África, que chega a alcançar quase 6 m de altura, de pescoço longo e corpo amarelo-claro com manchas castanhas ou avermelhadas.<sup>51</sup>

Se tirar de sua definição o corpo longo, o objeto analisado já não é mais uma girafa. Nas palavras de Chesterton:

Se, em sua ânsia criativa e audaciosa, você se considera livre para desenhar uma girafa com um pescoço curto, irá, na verdade, descobrir que não é livre para desenhar uma girafa. No momento em que se adentra no mundo dos fatos, adentra-se num mundo de limites. É possível libertar as coisas de leis estrangeiras ou acidentais, mas não das leis de sua própria natureza; pode-se libertar um tigre de sua jaula, mas não de suas listras. Não liberte um camelo de sua corcunda: você pode estar libertando-o de ser um camelo. Não perambule por aí como um demagogo incitando que os triângulos se libertem da prisão de seus três lados. Se um triângulo se liberta de seus três lados, sua vida termina de forma lamentável.<sup>52</sup>

Portanto, é preciso haver uma rigidez, mas não uma rigidez que destrua a criatividade de criar novas conexões reais. As palavras precisam ter relação com o concreto, mas não limitar o número de conexões que levam a pessoa a ter um entendimento mais completo do mundo em que vive. Aqui, ressalta-se, mais uma vez, a importância dos símbolos para a compreensão da realidade, visto que ampliam a percepção humana do mundo, expressando situações complexas, valores e significados que são intuitivos aos seres humanos, mas que são difíceis de expressar. O que se vê no cenário de “1984” é uma tentativa de limitar artificialmente o que as palavras significam, negando suas conexões reais. Nota-se um grupo político que tenta impor a sua ideologia, em oposição à verdade e à liberdade. Com esse controle artificial do vocabulário, a consciência passa a ter um alcance cada vez menor.

---

<sup>51</sup> GIRAFA In MICHAELIS. Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/girafa#:~:text=1%20Zool%20Anima%20mam%C3%ADfero%20artiod%C3%A1tilo.com%20manchas%20castanhas%20ou%20avermelhadas>  
Acesso em: 19 nov.

<sup>52</sup> In CHESTERTON, Gilbert K. **Ortodoxia**. Tradução: Murilo Resende Ferreira. 3ª ed. Campinas: Ecclesiae, 2019. p. 52.

“A Revolução estará completa quando a linguagem for perfeita. A Novafala é o Socing, e o Socing é a Novafala.”<sup>53</sup> A reestruturação da linguagem é uma ferramenta poderosa e essencial nas revoluções, cujo objetivo é instaurar uma nova forma de viver. Essa forma não passa de um experimento social e está longe de ser orgânica, natural. Tal reestruturação envolve um ataque à literatura, em especial à clássica, que narra experiências humanas universais, visto que é, sem dúvida, um antídoto contra o emburrecimento e a vulnerabilidade das pessoas perante um governo totalitário.

Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron existirão somente em suas versões em Novafala, em que, além de transformados em algo diferente, estarão transformados em algo contraditório com o que eram antes.<sup>54</sup>

O Partido deseja, proibindo a literatura clássica, abolir conceitos essenciais para a vida humana, como o de “liberdade”. Sua ideia é que haja uma sociedade em que as pessoas não façam ideia do que tal termo signifique e, de forma mais ampla, não façam ideia o que signifique “ser humano”. O objetivo é abolir a natureza humana, pois ela representa uma ameaça à oligarquia. Para isso, é preciso implementar uma nova maneira de viver, sendo necessário abolir tudo que tenha ligação com a antiga forma de viver – mais orgânica, mesmo que imperfeita, e que deu origem a maior parte das culturas e civilizações. “*Todas as novas teorias políticas, seja lá como se autodenominassem, reeditavam as ideias de hierarquia e regimentação.*”<sup>55</sup>

A destruição da linguagem é a destruição da memória, e a destruição da memória é a destruição da liberdade. É comum no enredo que o governo, por meio do aparato midiático, mude constantemente sua narrativa de forma impetuosa, destruindo todo e qualquer indício documental dos verdadeiros fatos e impondo novos indícios. Isso causa uma grande confusão nos cidadãos de Oceânia e os deixa inaptos a reagir de forma eficaz.

(...) houvera inclusive manifestações de agradecimento ao Grande Irmão pelo fato de ter elevado a ração de chocolate para vinte gramas por semana. Sendo que ainda ontem, refletiu, fora anunciada a redução da ração para vinte gramas por semana.

---

<sup>53</sup> ORWELL, George. 1984. Tradução: Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 69.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem. p. 241

Seria possível as pessoas engolirem aquela, passadas apenas vinte e quatro horas de anúncio? Sim, engoliram. (...) Winston era o único, então, a possuir memória?<sup>56</sup>

O poder do Partido de manipular a realidade e controlar os indivíduos provavelmente não se deu de forma imediata, mas gradual, com um progressivo e silencioso ataque à inteligência, por meio da corrupção da linguagem, em conjunto com outras armas poderosas de domínio (forte propaganda, guerras e rumores de guerras, entretenimentos, etc.). Na narrativa de Orwell, fica implícito que as pessoas já perderam parcela considerável de inteligência, tendo em vista a facilidade com a qual acreditam no discurso do governo.

Grande parte da propaganda do Partido e dos documentos por ele produzidos não passa de pura fantasia, sendo totalmente incongruentes com a realidade.

A vida – era só olhar em torno para constatar – não tinha nada a ver com as mentiras que manavam das teletelas, tampouco com os ideais que o Partido tentava atingir. p. 93 (...) O Partido insistia, por exemplo, que atualmente quarenta por cento dos proletas adultos eram alfabetizados: antes da Revolução, segundo diziam, o total era de apenas quinze por cento.<sup>57</sup>

Além da história, a lógica e a experiência prática são deturpadas: *“No fim, o Partido haveria de anunciar que dois mais dois são cinco, e você seria obrigado a acreditar.”*<sup>58</sup>. Com a inteligência enfraquecida, devido ao empobrecimento da linguagem, os indivíduos que discordavam e percebiam as mentiras do sistema não tinham sequer a capacidade de debater com seus intelectuais.

O Partido lhe dizia para rejeitar as provas materiais que seus olhos e ouvidos lhe oferecessem. (...) a facilidade com que qualquer intelectual do Partido o derrotaria num debate, os argumentos sutis que não teria capacidade de entender, quanto mais contestar. E, ainda sim, a razão estava com ele. Os outros estavam errados e ele certo. O óbvio, o tolo e o verdadeiro tinham de ser defendidos. Os truismos são verdadeiros, não se esqueça disso. O mundo sólido existe, suas leis não mudam. As pedras são duras, a água é úmida e os objetos, sem base de apoio, caem na direção do centro da Terra.<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> In ORWELL, George. 1984. Tradução: Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.75-76.

<sup>57</sup> Idem. p. 94.

<sup>58</sup> Idem. p. 100.

<sup>59</sup> Idem. p. 101.

As verdades mais óbvias não podiam ser ditas, nem reconhecidas. E, com isso, a liberdade humana se esvaía. “*Liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro. Se isso for admitido, tudo o mais é decorrência.*”<sup>60</sup>. Contudo, Winston resistia. Diferentemente de seus pares, não ignorava completamente a sua consciência. Mesmo com a inteligência enfraquecida, era capaz de captar os primeiros princípios, que são intuitivos a todo ser humano. Todavia, sua memória debilitada dificultava sua resistência: “*Uma sensação de impotência se apossou de Winston. A memória do velho não passava de um amontoado de pormenores insignificantes.*”<sup>61</sup>

A linguagem é uma das maneiras (ao lado da arquitetura, por exemplo) de conectar o homem ao passado, às gerações anteriores, e é por meio dessa conexão que ele identifica seu propósito neste mundo – eis o motivo pelo qual o Partido tem tanto ódio à linguagem e à própria arquitetura (observa-se ao longo da narrativa o desprezo do governo pela beleza e arquitetura tradicional). Destruindo o vínculo do homem com o passado, deixa-o vulnerável à ideologia do *Socing* – assim como toda ideologia, uma concepção de mundo artificial e experimental.

A corrupção da linguagem em “1984” também se dá por meio de uma retórica que apela de maneira perniciososa à emoção, suprimindo todo remanescente de razão que ainda existe nos indivíduos. Isso fica evidente durante os chamados “Dois Minutos de Ódio” – momento em que os membros do Partido são obrigados a assistir a uma transmissão que incita ódio aos inimigos do sistema e a participar dessa manifestação de ódio.

Durante os Dois Minutos de Ódio era sempre a primeira a insultar Goldstein aos gritos. Contudo, nem sabia direito quem era Goldstein e que doutrinas ele supostamente representava (...) De certa maneira, a visão do mundo do Partido era adotada com maior convicção entre as pessoas incapazes de entendê-la.<sup>62</sup>

Percebe-se que a ideologia tem mais força entre aqueles que não a compreendem verdadeiramente ou, se compreendem, não admitem o que ela realmente é por meio da cegueira deliberada. Pode-se dizer que o *Socing* é em grande medida sustentado pelos oradores do Partido, que em muito se assemelham aos sofistas da época de Sócrates. Assim como Protágoras, por exemplo, tais oradores têm o costume de trocar o sentido de seu

---

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> Idem. p. 113.

<sup>62</sup> Idem. p. 183.

discurso de maneira súbita, deixando intencionalmente os ouvintes confusos e fazendo escárnio da verdade objetiva. A estratégia retórica dos sofistas, posta em prática pelo Partido, é uma ferramenta poderosa de controle da narrativa.

Algo que parece inofensivo, como brincar com as palavras de maneira descuidada e incoerente – como fazem Górgias, Cálicles e Protágoras –, causa a abolição do livre-pensamento, pois o impossibilita. Isso porque impede a lógica. Se as palavras não são usadas para formar livre-pensadores em busca da verdade, são usadas por indivíduos aproveitadores cujo desejo é subjugar os demais à sua vontade egoísta. Dessa forma, a injustiça impera e o totalitarismo ganha espaço. A manipulação da linguagem e a negação da realidade são características de tal regime.

Destituído de contato com o mundo externo e com o passado, o cidadão da Oceânia é como um homem no espaço interestelar (...). Os dirigentes desse tipo de Estado conseguiriam ser mais absolutistas que faraós e césares. (...) uma vez obtido o mínimo, podem torcer a realidade na direção que lhes aprouver.<sup>63</sup>

Para efetivar o controle do pensamento, o Grande Irmão faz uso da Polícia das Ideias, uma organização cujo objetivo é perseguir e punir aqueles com ideias distintas às do *Socing*. Também treina os cidadãos e, em especial, os membros do Partido para garantir a obediência total de todos e eliminar qualquer pensamento resistente à ideologia, fomentando a delação.

É necessário, para isso, que aprendam as seguintes técnicas de obstrução do livre-pensamento e da lógica: *criminterrupção*, *negribranco* e *duplipensamento*. A primeira é uma burrice protetora, em que o indivíduo é treinado para não entender analogias, não perceber erros lógicos e não compreender argumentos simples que sejam contrários ao *Socing*. “Negribranco” diz respeito a uma “flexibilidade incessante no tratamento dos fatos” em relação ao Partido, à habilidade de afirmar e acreditar, sem qualquer constrangimento, que o negro é branco sempre que a disciplina do Partido exigir. O duplipensamento, por sua vez, é um conceito um pouco mais amplo que sustenta toda a doutrina do Partido. Como já abordado anteriormente, diz respeito à capacidade de manter ao mesmo tempo duas crenças contraditórias e acreditar que sejam verdadeiras. Por meio dessa ferramenta, qualquer dúvida ou crítica em relação às contradições evidentes do governo desaparecem.

---

<sup>63</sup> Idem. p. 235.

Nota-se, dessa forma, que em determinados momentos as mentiras são ditas de forma deliberada pelos membros do Partido. Eles mentem para si mesmos até que a mentira se torne “natural”. Por isso, acabam consentindo com mentiras escancaradas, como a própria nomeação dos ministérios em que trabalham:

O Ministério da Paz cuida dos assuntos de guerra; o Ministério da Verdade trata das mentiras; o Ministério do Amor pratica a tortura; e o Ministério da Pujança lida com a escassez de alimentos. Essas contradições (...) são exercícios deliberados de duplipensamento. Pois somente reconciliando contradições é possível exercer o poder de modo indefinido.<sup>64</sup>

O’Brian, membro do Partido Interno, defende a inexistência da realidade objetiva enquanto tortura Winston, que no final é descoberto por seu *crimepensar*:

(...) a realidade não é externa. A realidade existe na mente humana e em nenhum outro lugar. (...) Tudo o que o Partido reconhece como verdade é verdade. É impossível ver a realidade se não for pelos olhos do Partido.<sup>65</sup>

Mais uma vez, a linguagem é distorcida para que o propósito do Partido se cumpra: enquanto tortura Winston, O’Brian argumenta que seu objetivo é o “curar” e o tornar “equilibrado”, caracterizando uma espécie de reeducação ideológica. Mesmo aceitando no final absurdos lógicos (como o fato de dois mais dois serem cinco), devido à lavagem cerebral que recebeu, Winston intui que o discurso do membro do Partido Interno é falso, mostrando a força que os primeiros princípios têm no ser humano.

Mais uma vez, foi assaltado pela sensação de impotência. Conhecia, ou intuía, os argumentos que demonstravam sua existência; eram, contudo, argumentos absurdos, meros jogos de palavras.<sup>66</sup>

Novamente, a ideologia despreza o passado e as leis universais, visando instaurar uma cosmovisão e forma de viver artificiais, o que fica claro com a seguinte afirmação de

---

<sup>64</sup> Idem. p. 254.

<sup>65</sup> Idem. p. 292.

<sup>66</sup> Idem. p. 303.

O'Brian: *“Você precisa se livrar dessas ideias do século XIX a respeito das leis da natureza. Nós é que fazemos as leis da natureza.”*<sup>67</sup>

*“Qualquer coisa podia ser verdade. As assim chamadas leis da natureza eram uma bobagem. A lei da gravidade era uma bobagem.”*<sup>68</sup>. O regime do Grande Irmão deseja remoldar, reconstruir a natureza e todas as suas áreas: *“Não haverá arte, nem literatura, nem ciência. Quando formos onipotentes, já não precisaremos da ciência. Não haverá distinção entre beleza e feiura.”*<sup>69</sup>

É possível ver a tendência relativista em tal regime na rejeição de distinções básicas da natureza, como o belo e o feio. O Socing, portanto, é um regime nominalista, que entende as coisas como meros nomes, que devem ser usados conforme convém a quem está no poder. Em contrapartida, Winston representa, de certa forma, Sócrates, pois acredita na realidade objetiva e em princípios universais, que transcendem o momento e a interpretação subjetiva de quem tem poder. *“Tem uma coisa no universo – não sei o quê, um espírito, um princípio – que vocês nunca conseguirão vencer.”*<sup>70</sup>

## 5. CONCLUSÃO

A linguagem pode ser usada para retratar a realidade da maneira mais fidedigna possível ou para a manipular. O pensamento sofisticado e o nominalismo, relativizadores da verdade, fomentam o seu uso manipulador. Esses pensamentos compõem a essência da mentalidade moderna. O homem moderno perdeu a capacidade de interpretar o mundo de forma coerente e completa, pois se afastou dos primeiros princípios e ignorou os universais.

Dessa forma, sua visão de mundo passou a ser confusa e extremamente individualista, o que impede qualquer comunicação e vida saudável em sociedade. Mentalmente adoecido e sozinho na sociedade, o homem se torna vulnerável às ideologias, que visam escravizá-lo em benefício de poucos. Por isso, é necessário voltar a admitir as verdades mais básicas e a definir conceitos, de forma a enriquecer a linguagem e o pensamento e tornar as ações humanas coerentes e eficazes. É isso que garantirá a liberdade dos indivíduos e uma sociedade justa.

---

<sup>67</sup> Idem. p. 309.

<sup>68</sup> Idem. p. 324.

<sup>69</sup> Idem. p. 312.

<sup>70</sup> Idem. p. 314.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução: Nestor Silveira Chaves. 1ª ed. São Paulo: Lafonte, 2017.

CHESTERTON, Gilbert K. **Ortodoxia**. Tradução: Murilo Resende Ferreira. 3ª ed. Campinas: Ecclesiae, 2019.

LEITE JUNIOR, Pedro. **O Nominalismo de Guilherme de Ockham: Ontologia e Semântica**. Disponível em:  
<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/76/pdf> Acesso em: 1 nov.

LEWIS, Clive S. **Abolição do Homem**. Tradução: Gabriele Greggersen. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Disponível em:  
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/girafa#:~:text=1%20Zool%20Animal%20mam%C3%ADfero%20artiod%C3%A1tilo,com%20manchas%20castanhas%20ou%20avermelhadas> Acesso em: 19 nov.

ORWELL, George. **1984**. Tradução: Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PETERSON, Jordan B. **12 Regras para a Vida: Um Antídoto para o Caos**. Tradução: Wendy Campos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

PLATÃO. **Diálogos de Platão: Górgias e Protágoras**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Organização: B. Nunes e V. S. Pinheiro. Belém: Editora UFPA, 2021.

WEAVER, Richard M. **As Ideias Têm Consequências**. Tradução: Guilherme Ferreira Araújo. 2ª ed. São Paulo: É Realizações, 2016.